

1) Os movimentos de Trabalhadores na década de 40 estavam organiza-  
dos sob a lógica do Trabalhismo, herdado do Estado Novo iniciado  
em 1937. Ângela de Castro Gomes defende o Trabalhismo do perí-  
odo como uma relação de troca entre os Trabalhadores que ha tem-  
pos queriam melhorias em suas condições de vida e Trabalho  
e o governo concedendo de apoio. Tal troca era ~~representada~~ ~~por~~  
representada pela figura caricônica de Getúlio Vargas. Tal visão pro-  
cura ir além da visão presente em parte da historiografia de  
uma "submissão populista" dos operários.

O final do Estado Novo foi marcado pelo movimento do  
"queremismo", onde sindicatos tiveram papel importante  
nos esforços para que Vargas continuasse na presidência.

O período Dutra (1945-50) foi marcado pela aproximação aos  
movimentos e partidos ligados aos Trabalhadores. Impulsionado pelo  
espírito da Guerra Fria, Dutra repribe e cassa organizações como o  
PCB e sindicatos. É também um período de congelamento das  
relações e autoridade nos setores sociais.

Vargas retorna ao poder em 1950, dessa vez de maneira de-  
mocrática e com amplo apoio dos Trabalhadores, em uma época  
de forte polarização entre os liberais e nacionalistas, no que dizia  
a economia. Ele, diante da forte oposição que sofria dos liberais,  
se aproxima dos nacionalistas e dos Trabalhadores, com me-  
didas como a nomeação de João Goulart para o ministério do  
Trabalho e o aumento de 100% do salário mínimo. Tais medidas  
o aproximam dos Trabalhadores urbanos organizados.

O governo JK, para os Trabalhadores do campo e da  
cidade, foi um momento de luta. No meio rural, eram criadas  
as "ligas camponesas", com forte presença no Nordeste, e a  
demanda por direitos trabalhistas aos Trabalhadores rurais  
e a discussão sobre a Reforma Agrária no Brasil. Na cidade,  
o governo "coroa novo" será marcado pela repressão aos sin-  
dicatos, que protestavam contra os baixos salários e

a inflação.

Os anos 60 são marcados pela polarização política e discussões nacionais, como a Reforma Agrária, iniciadas na década anterior. O antigo sindicalismo ligado aos Trabalhistas e aos operários, ainda perdendo espaço para um "novo" sindicalismo, mais "político", ligado a outros setores sociais, como os funcionários públicos e militares de baixa patente. As citadas discussões nacionais e sindicatos abertamente ligados a partidos e partidos políticos geraram um temor da subversão do ordem e da criação de uma "república sindicalista" no estilo peronista no Brasil. Esse temor levou ao golpe de 1964 e um período de ampla repressão dos movimentos de Trabalhadores.

A ditadura civil-militar, com forte apoio empresarial, não apenas reprimiu movimentos urbanos e rurais com o uso de prisões e violência, existiram também formas de ~~controle~~ controle direto dos sindicatos, através da nomeação de dirigentes sindicais e do uso da estrutura varguista, ~~o~~ como o Ministério do Trabalho.

A ditadura, apesar de um período de "reflexo" dos sindicatos e dos movimentos de Trabalhadores, do aumento da desigualdade e da fome, da vida dos mais pobres, testemunhou, nos anos 60, o surgimento de novas formas de organização dos Trabalhadores: no campo surgiu o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), ligado aos Trabalhadores deslocados por empresas rurais e latifundiários, principalmente no Sul; nos cidades, exatamente no ABCD paulista, aparece "novo sindicalismo" independente dos estruturas ~~de~~ estruturas tradicionais da década de 1930 e crítico do sindicalismo de "resultado", que era forte no período.

1) O Brasil é fruto da expansão marítima portuguesa para o Atlântico, portanto, não é surpreendente o peso desse Oceano na História dos dois países e das outras regiões que fizeram parte do Império Ultramarino Português, como a África Ocidental, Oriental e a Ásia.

As relações entre as partes do Império Português foram vistas por muito tempo pela historiografia como uma espécie de apêndice do capitalismo europeu. Fernando Novais defendeu a tese que o comércio atlântico de escravos foi fundamental para a acumulação primitiva da industrialização na Inglaterra e que tal Império Português era a forma de generalização do capital mercantil para além da Europa. Nessa perspectiva, a América, a África e a Ásia seriam partes subordinadas à Europa, mais especificamente, Portugal.

O avanço das pesquisas, porém, mais mostram que tais relações no interior do Atlântico Português e de outros oceanos que os portugueses chegaram são muito mais complexas, ~~mais~~ intelectualizadas e independentes do que se pensava.

Os trabalhos de João Fragoso e Manoel Florentino mostram que mais do que um comércio triangular Europa, África e América, havia uma rede de união e de relações comerciais entre os traficantes de escravos da praça do Rio de Janeiro, comerciantes de escravos sediados na África e fornecedores (responsáveis pela captura de escravos no interior do continente). Os cativos eram comprados com produtores brasileiros e asiáticos. Kátia Mattos defende o mesmo para a praça comercial de Salvador.

Os autores ~~defendem~~ defendem que tais traficantes de escravos, brasileiros ou portugueses sediados aqui, não eram condutores no comércio e na sociedade colonial portuguesa, mas sim personagens principais que agiam com interesses próprios - enraizados nas colônias da América e da África - e, muitas vezes, no lugar da metrópole, como na criação da reconquista de Angola, feita

por ~~outros~~ <sup>By Aracy</sup> portugueses e brasileiros.

Alberto da Costa e Silva destaca sobre como São Paulo se tornou importante na África e na constituição dos reinos independentes africanos, mesmo aqueles não controlados pelos portugueses, como o reino de Daomé. Silva defende que o comércio de escravos feito por brasileiros, como Francisco Félix de Souza, foi fundamental para a existência econômica e política do Daomé, já que além do dinheiro, tal comércio envolvia armas e artigos de luxo, que traziam poder simbólico e fidelidade local.

As relações dentro do Império Português se davam em comércio de produtos asiáticos, como tecidos de luxo, para lideranças africanas e a elite americana. Todo esse comércio era feito em nome do rei português e por portugueses mercadores ou residentes na América, África e Ásia. Havia também uma elite comercial e uma pequena nobreza que também tomavam parte nos negócios portugueses e na administração das feitorias e colônias, embora para Charles Boxer, o grande responsável pela continuidade das políticas coloniais sejam os câmaras municipais de "homens bons" das paróquias portuguesas.

A política portuguesa para as colônias foi, por um bom tempo, vista como anticolonial e dominadora. Atualmente as pesquisas de autores como Maria de Fátima Gouvêa e Fernanda Bicelli mostram que o Antigo Regime ~~Português~~ Tropical apresentava inúmeros espaços de negociação para as elites coloniais e espaço para a crítica do Rei e de seus subordinados metropolitanos.

O compromisso da elite colonial com o Rei era feito não por uma obrigação daquela com este, mas pela instituição de certos espaços e outros tipos de compromisso por serviços prestados à sociedade. Os "muy nobres e leais" coloniais tinham prestígio e riqueza para serem mais do que meros figurantes na colonização.

3) Os anos entre 1945-1964 são, para muitos, o primeiro período realmente democrático da História do Brasil. Os anos pós-Estado Novo são marcados pela polarização política e importantes mudanças na sociedade, como o êxodo rural e a urbanização. Nesse contexto, a cultura participou direta ou indiretamente de vários discursos sobre o país.

A abordagem sobre o período mais essencialmente fundamental e médio apresenta algumas possibilidades de contextualização dessa produção cultural e ligação desta com as mudanças do período. Tais possibilidades perpassam por duas questões fundamentais da época: a entrada da TV como meio de propagação cultural e de construção de uma cultura de massas e o credenciamento da influência norte-americana.

Uma ~~possível~~<sup>forma</sup> de contextualização de uma questão tão abstrata seria com a representação do fenômeno da "Jovem Guarda" e do surgimento do rock no Brasil. A análise dos músicos e vídeos de artistas como Roberto Carlos, Erasmo Carlos pode levar a reflexão da construção de um produto mercadológico voltado para um segmento específico da população, os jovens e seus aspectos, como a rebeldia e da formação destes como uma parte atuante e consumidora. Poderia-se abordar também as críticas à "Jovem Guarda" feitas por diferentes segmentos sociais, como os nacionalistas e a esquerda, que veem no citado movimento como "alienado" e "invasão ianque", a partir de apoiar uma marcha contra a guitarra elétrica.

A "Jovem Guarda" foi o primeiro movimento cultural brasileiro a usar a TV como meio de propagação de sua estética e música. A TV também trouxe ao mercado como o principal meio de entretenimento do país. Sobre isso cabria a análise de como eles representavam ao público um "novo" Brasil, que deixava de ser rural, preso às tradições e apegado aos padrões e se transformava em um país onde o individualismo, a competitividade e a urbanização se tornavam regra e a ligação dos costumes a uma modernidade. Tais mudanças

serem criticados por um público conservador, que ainda  
como imoral, as mudanças nos costumes sociais e  
nos discursos acerca da sexualidade feminina e do  
divórcio.

As discussões entre cultura e sociedade poderiam conti-  
nuar, pela apresentação de formas artísticas de "vanguarda",  
mais politizadas e vinculadas a setores específicos da popu-  
lação, como o Teatro Experimental do Negro, na década de 50,  
ligado ao movimento negro e a denúncia do racismo. Ou  
o Teatro dos Oprimidos, ligado à esquerda.

Em suma, há inúmeras possibilidades do uso da  
cultura e da arte para contextualizar os movimentos poli-  
ticos e sociais.